

Diversão trabalhosa

Por Seymour Papert

Recebi muitas críticas dos leitores desta coluna (e leitores de outros textos que escrevi), defendendo a eliminação do trabalho árduo e da disciplina do processo de aprendizagem. Eu não os culpo. Sou um crítico dos métodos pelos quais a escola tradicional força as crianças a aprender, e a maioria das tentativas de introduzir um currículo mais envolvente e menos coercitivo acaba, no fim das contas, desmotivando o aprendiz. Mas não é justo me culpar por tabela. Toda minha carreira na educação tem sido dedicada a encontrar tipos de trabalho que unam a paixão do aluno ao trabalho árduo necessário para dominar matérias difíceis e adquirir hábitos de autodisciplina. Mas não é fácil encontrar a linguagem certa para explicar como penso diferente da abordagem que defende aulas divertidas para facilitar o aprendizado.

Voltando a meados dos anos 1980, um aluno do primeiro ano usou uma palavra que caiu como uma luva. A Gardner Academy (uma escola de ensino fundamental em um bairro carente de San José, Califórnia) foi uma das primeiras escolas a ter computadores suficientes para que os alunos pudessem passar um tempo significativo trabalhando neles todos os dias. A introdução, para todos os anos escolares, foi aprender programação na linguagem computacional Logo, no nível apropriado para cada faixa etária. Um professor ouviu uma criança usando essas palavras para descrever o trabalho no computador: "É divertido. É trabalhoso. É Logo". Não tenho dúvidas de que essa criança chamou o trabalho de divertido porque era mais trabalhoso do que difícil.

Quando tomei ciência do conceito de "diversão trabalhosa", comecei a ouvir isso cada vez mais. Esse conceito é expresso de muitas maneiras diferentes, e todas se resumem à conclusão de que todo mundo gosta de fazer coisas trabalhosas e desafiadoras. Mas precisam ser as coisas certas, adequadas ao indivíduo e à cultura da época. E esta época de mudanças rápidas desafia os educadores a encontrar áreas de trabalho que sejam trabalhosas da forma certa: elas devem se conectar com as crianças e também com as áreas de conhecimento e habilidades que adultos éticos (não nos esqueçamos) precisarão para o futuro.

Já escrevi aqui sobre adolescentes na instituição de recuperação juvenil do Maine que estão superando sua aversão de longa data a qualquer tipo de aprendizagem escolar por meio da oportunidade de inventar e construir dispositivos mecânicos/robóticos sofisticados. Para fazer isso é necessário ter disciplina e concentração. É necessário aprender a lidar com o fracasso, encontrando formas de consertar o problema em vez de desistir mergulhado na frustração. E, para algumas dessas crianças, isso significa experimentar pela primeira vez o prazer de escrever, porque

foram encorajadas a escrever sobre algo que estavam fazendo sozinhas e fazendo com paixão.

A frase "prazer em escrever" me faz parar. Neste exato momento, escrever não é prazeroso. O tique-taque do relógio me dizendo que o prazo está se esgotando me frustra. Estou me correndo por ter jogado fora um parágrafo inteiro porque "não ia dar certo" mesmo havendo uma frase que eu tinha amado. Então, talvez "prazer" não seja a palavra certa. Muito menos "diversão". Precisamos de uma palavra melhor para isso e, talvez, aquele aluno do primeiro ano em San José tenha sugerido a melhor. Estamos falando aqui sobre um tipo especial de diversão: a "diversão trabalhosa".

Como tornar a escrita uma diversão trabalhosa? Uma maneira é desenvolver para as crianças atividades "escrevíveis" que elas amem fazer. A construção de dispositivos robóticos adquire "escritabilidade" porque se empresta a uma descrição de cada fase do processo. Sua escritabilidade é aprimorada pelo uso de processadores de textos e câmeras digitais. Mas além da tecnologia, existe a atitude na cultura do aprendizado. Um exemplo do que quero dizer foi levantado por um professor que rejeitou a ideia de que as crianças devem poder escrever sobre o que gostam. "Quando forem trabalhar, elas terão que fazer o que seu chefe mandar". É aí que reside a fonte do fracasso de muitas crianças na leitura. É claro que devemos ensinar às crianças a habilidade de autocontrole necessária para executar ordens. Mas misturar o aprendizado dessa habilidade com o aprendizado da escrita destrói os dois objetivos.